

SEGUNDO CADERNO

TV: As emoções dos últimos capítulos da novela 'Torre de Babel' • 4

QUINTA-FEIRA, 7 DE JANEIRO DE 1999

• **MPB: Musical faz filha adotiva lembrar histórias de Dolores Duran** • 2

O Auto da Compadecida

Um programa de qualidade incontestável

Patrícia Andrade

TV
CRÍTICA
O escritor Ariano Suassuna não tem mais por que temer a televisão. O veículo, ao qual ele tanto resistiu, se rendeu às suas exigências de fidelidade à cultura genuinamente brasileira. Primeiro, através do diretor Luís Fernando Carvalho, responsável pela adaptação de "A farsa da boa preguiça" e "Uma mulher vestida de sol". E agora, via Guel Arraes, que brinda o público, desde a última terça-feira, na Rede Globo, com uma belíssima versão de "O Auto da Compadecida", a mais famosa peça deste autor paraibano.

Da abertura à imagem do cangaço que encerra "O testamento da cachorra", primeiro episódio desta minissérie em quatro capítulos, tudo remete à cena nordestina. Taperoá, cidade em que originalmente se passa a história, é ambientada em Cabaceiras. Lá é sertão da Paraíba. E isto o público, responsável pela excelente média de 36 pontos de audiência, tanto pode perceber a céu aberto como nas cores quentes das paredes e fachadas das casas. A trilha sonora segue a linha Armorial, composta por música erudita brasileira de raízes populares.

Interpretação dos atores é um show à parte

É com um texto genial, uma direção criativa — destaque para as mentiras de Chicó, muitas bem exploradas em recursos de animação — e um elenco impecável que a história cresce. Matheus Nachtergaele, o João Grilo, e Selton Mello, o Chicó, estão maravilhosos. Denise Fraga dá show como Dora. Rogério Cardoso, Diogo Vilela e Paulo Goulart brilham. E tem Marco Nanini, que surgiu no fim do capítulo, e Fernanda Montenegro, entre outros, por vir. O único pecado ficou por conta da dicção dos atores, que, por vezes, ao reproduzir o sotaque nordestino, falam rápido demais.

Guel Arraes disse, certa vez, que "é um nordestino e não é", pois há anos está longe de sua terra. Mas após este "Auto", uma certeza ele pode ter: honrou as suas origens. ■

Daniel Filho vê Chiquinha contemporânea

Diretor de criação se diz emocionado com a vida da compositora

Mostrar a saga da compositora que se emancipou ao patriarcalismo e abriu alas para as mulheres que nasceram depois é o que prometem fazer Lauro César Muniz e Jayme Monjardim, autor e diretor de "Chiquinha Gonzaga", minissérie que estréia na Rede Globo, na terça-feira.

— Mostraremos a vida dela, cheia de peripécias — disse Lauro César na entrevista coletiva que reuniu, anteontem, no Projac, o diretor de criação Daniel Filho, Regina Duarte, Monjardim e Marcus Viana, o diretor musical.

Bem-humorado, Daniel Filho disse que a minissérie vai recontar parte da História do Brasil.

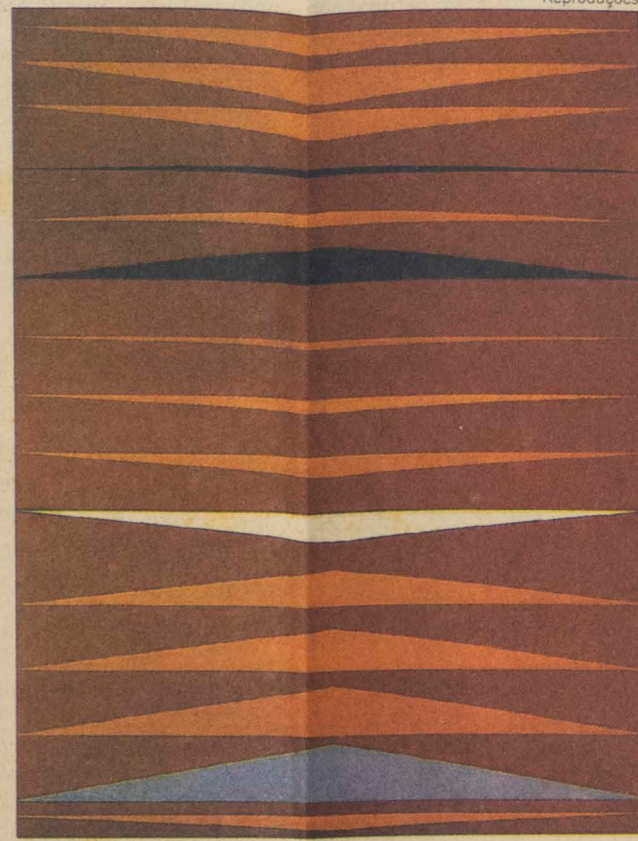
— Chiquinha nasceu no século passado, mas poderia ser contemporânea. Meus pais a conheceram e sua trajetória me emociona muito.

Regina Duarte, Chiquinha na segunda fase — na primeira ela será vivida por Gabriela Duarte — também comemorou:

— É uma responsabilidade muito grande. Estou feliz. ■



"PLANOS EM superfície modulada", de Lygia Clark, está no módulo sobre o Grupo Frente, que reúne ainda Oiticica, Weissman e Lygia Pape, representantes do concretismo



Reproduções

"FAIXAS RITMADAS", de Ivan Serpa, um dos quadros da mostra, que reúne cerca de 130 peças e apresenta tapeçarias, esculturas e móveis dos vários períodos do construtivismo

O homem-quadrado

Adolpho Leirner expõe no MAM a maior coleção de arte construtiva do país

Marizilda Cruppe

Daniela Name



Se Adolpho Leirner resolvesse escrever a história da própria vida, certamente usaria folhas quadriculadas. Foi em frente a este tipo de papel, muito comum nos cadernos de matemática do passado, que o dono da maior coleção de arte construtiva do Brasil começou seu caso de amor com a pintura e a escultura geométricas. As cerca de 130 obras de seu acervo chegam pela primeira vez ao Rio na exposição "Arte construtiva no Brasil — Coleção Adolpho Leirner", que o Museu de Arte Moderna inaugura no dia 14. A coleção — que vai dos pioneiros do estilo à abstração geométrica de artistas como Volpi e Mira Schendel — levou mais de 50 mil pessoas ao MAM de São Paulo em outubro do ano passado.

Arquiteto frustrado, Leirner foi estudar engenharia têxtil na Inglaterra, no fim dos anos 50. Aprendeu como os pigmentos se misturam e viu, maravilhado, o desenho dos tecidos ganhar forma em retângulos e triângulos feitos a lápis nas tais folhas quadriculadas.

— Começou aí minha tragédia construtiva, pois acabei sendo aprisionado pelo quadrado, nunca mais o larguei — diz o colecionador, tão ordenado quanto seus quadros: guarda jornais dobrados em retângulos perfeitos e, enquanto conversa, ajeita o maço de cigarro para que faça uma perpendicular perfeita com a mesa.

Membro de uma família de artistas plásticos — é pai de Jac Leirner e primo de Nelson Leirner — o colecionador acredita que o construtivismo não é uma sina particular, mas dividida com toda a arte brasileira.

— Minha filha foi criada tropeçando nos "Bichos" da Lygia Clark sem se dar conta do que tinha em casa — conta ele. — A obra de Jac não é geométrica, mas obedece a uma certa ordem social e conceitual que tem tudo a ver com o construtivismo. É muito difícil um artista surgir no Brasil sem esta influência

Leirner aponta briga política no concretismo

A coleção de Leirner começou em 1962, com a compra do quadro "Em vermelho", de Milton Dacosta. No MAM, é apresentada em seis módulos, entre eles "Grupo Ruptura e concretismo", com artistas como Waldemar Cordeiro e Maurício Nogueira Lima, e "Grupo Frente e neoconcretismo", em que os destaques são peças de Lygia Clark, Hélio Oiticica e Franz Weissman. O Ruptura, de São Paulo, e o Frente, do Rio, travaram uma das acaloradas discussões sobre arte nos anos 60. Os cariocas defendiam uma arte menos racional. Leirner diz que vê as diferenças entre os dois grupos, mas acha que elas não são tão grandes quanto pensavam seus defensores.

— Tudo era mais uma briga política entre o Waldemar Cordeiro e o Ferreira Gullar, que disputavam quem era mais de esquerda. O crítico de arte e poeta Ferreira Gullar explica o que o Frente contestava no concretismo: — O Waldemar Cordeiro impôs um caminho cada vez mais cerebral à arte e chegou a considerar a cor um elemento perturbador. O grupo Frente caminhou numa direção que acabou gerando os penetráveis do Hélio Oiticica e a arte que prevê a participação do espectador. ■

ADOLPHO

LEIRNER: "Vivi uma tragédia e fui aprisionado pelo quadrado", brinca o colecionador, que expõe seu acervo pela primeira vez